

## **As flores do mal que brotam do *underground*: contracultura e anarquismo na imprensa alternativa brasileira (1969-1992)**

OLIVEIRA, João Henrique C. – *Mestre em História Social pela Universidade Federal Fluminense (UFF), Jornalista e Professor de História na Rede Estadual do Rio de Janeiro.*

### **Resumo:**

A historiografia da imprensa alternativa no Brasil vem trabalhando, há tempos, com um conjunto de fontes que acabou se tornando sinônimo de mídia independente. Quando se fala do período de ditadura civil-militar no país (1964-1985), as referências giram em torno de *O Pasquim*, *Movimento*, *Opinião*, *Em Tempo* e alguns outros títulos. Todavia, poucos ouviram falar de publicações como *O Inimigo do Rei*, *Barbárie*, *Tribo*, *Ação Direta*, *Soma* e outros que representaram grupos também opostos à ditadura, porém pouco lembrados (ou até mesmo ignorados) pelos pesquisadores das esquerdas. A proposta do trabalho, portanto, foi investigar a atuação desses grupos libertários, entre 1969 e 1992, privilegiando como fontes primárias os jornais por eles publicados. Partindo de suas idéias-base, tais grupos foram divididos em dois: os que se reivindicavam anarquistas e os que eram mais prontamente identificados com os chamados “movimentos de contracultura” dos anos 60/70. Assim, pretendeu-se demonstrar que o espectro tanto dos jornais alternativos quanto das esquerdas foi bem mais amplo do que se costuma pensar.

**Palavras-chave:** *mídia alternativa, contracultura, anarquismo.*

## **Introdução (ou *Pra não dizer que não falei de flores...*)**

*Flor do Mal* foi o nome de um jornal alternativo publicado, em 1971, por Luiz Carlos Maciel. Com uma breve vida de cinco números – o que não é surpresa no caso dos periódicos independentes – *Flor do Mal* representou uma das facetas da contracultura no Brasil. Idealizada por um dos fundadores de *O Pasquim*, a publicação reforçaria o rótulo de *guru da contracultura* atribuído a Maciel. Um adjetivo que nasceu graças a uma coluna de duas páginas que ele publicou no semanário ipanemense entre 1970 e 1972. A coluna se chamava *Underground*.<sup>1</sup>

*Flor do Mal* foi um nome inspirado no poeta Baudelaire; um nome que também inspirou o título de minha pesquisa, que desejava buscar justamente flores pouco colhidas pela historiografia da imprensa alternativa brasileira dos anos 60/70/80. Ironicamente, o jornal *Flor do Mal* não foi encontrado nos campos desbravados por este que vos escreve...<sup>2</sup> Mas não me pareceu incorreto mantê-lo, já que traz uma carga simbólica forte, bem de acordo com os objetivos por mim estabelecidos.

As tais “flores” são representadas, então, por grupos sociais específicos, emergindo do heterogêneo caldo da oposição ao regime militar. Indivíduos que podem ser considerados parte da chamada *resistência* que se deu em diversas esferas, desde a guerrilha armada até a produção intelectual e artística (que podemos considerar uma *guerrilha simbólica*). Uma *resistência política*, muito embora seja necessário ampliar o entendimento do que seja “político”. Assim, o sentido não se restringiria ao campo da atuação nos canais institucionais do Estado. Então, estabeleceu-se como base teórico-metodológica uma compreensão da política em seus aspectos amplos: a política do cotidiano, dos enfrentamentos mais concretos, na família, na escola, nos costumes, nas manifestações culturais.

---

<sup>1</sup> Para ser mais exato, *Underground* começou a ser publicada no número 48 de *O Pasquim* (21-27 de maio de 1970), durando até o número 135 (2-9 de fevereiro de 1972). Para o recorte cronológico da pesquisa, baseei-me, de início, nos artigos sobre contracultura publicados em *O Pasquim*. Daí que começo com o ano de 1969, quando o hebdomadário foi lançado.

<sup>2</sup> Os tais “campos de colheita” foram os seguintes: o Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro (com seu bom acervo de imprensa alternativa), a Biblioteca Nacional e a Biblioteca Social Fábio Luz (do Centro de Cultura de Cultura Social do Rio de Janeiro).

Também foi necessário ampliar o significado tradicional dado às *esquerdas*. O inventário de alguns desses grupos está bem identificado por décadas de estudos, memórias, depoimentos e imagens. Pode-se dizer que certo imaginário já emerge quase automaticamente quando o assunto é ditadura civil-militar<sup>3</sup> no Brasil: guerrilhas e guerrilheiros (urbanos ou rurais); líderes estudantis barbudos; intelectuais e jornalistas... Quase todos identificados com as premissas gerais do *marxismo-leninismo* – seja ele “ortodoxo” ou “heterodoxo”. Mas será que não havia outras tendências também pertencentes a uma tradição maior, que poderíamos chamar de *tradição socialista*?

Ao identificar grupos de oposição bem definidos, vários estudos sobre imprensa alternativa vão focalizar um conjunto específico de publicações: exatamente aquelas lançadas por esses sujeitos sociais. Daí que emergem nomes que se tornaram emblemas: *O Pasquim*, *Opinião*, *Movimento*, *Em Tempo*, *Versus*, entre outros. Em torno desses periódicos se agrupavam militantes que, de uma forma ou de outra, estabeleciam relações com a corrente marxista. Dissidências, convergências, aparelhamentos: tudo dava a impressão de se passar num campo delimitado que variava, no máximo, em termos de tendências (stalinistas, trotskistas, maoístas etc.).

Este artigo é um pequeno resumo da dissertação *Do underground brotam flores do mal: anarquismo e contracultura na imprensa alternativa brasileira (1969-1992)*.<sup>4</sup> Tentarei mostrar, em linhas gerais, as escolhas teórico-metodológicas que animaram a realização desse trabalho. Além disso, buscarei expor críticas construtivas à historiografia que trata dos temas centrais da pesquisa, a saber: *imprensa alternativa*, *ditadura* e *esquerdas*. Por fim, traçarei um sucinto perfil dos periódicos utilizados como fontes primárias.

---

<sup>3</sup> O termo utilizado por René Armand Dreifuss me parece um dos mais acertados para compreender a teia de relações de poder que resultou na montagem do Estado autoritário pós-golpe de 1964. Nesse sentido, não foram apenas os militares que organizaram o sistema. Mostrou-se decisiva a colaboração de elementos civis, principalmente os que compunham os complexos IPES (Instituto de Pesquisas e Estudos Sociais) e IBAD (Instituto Brasileiro de Ação Democrática), verdadeiros centros de articulação da direita golpista. Para mais detalhes, conferir: DREIFUSS, René Armand. *1964: A conquista do Estado*. Ação política, poder e golpe de classe. Petrópolis: Vozes, 1981.

<sup>4</sup> Cf. OLIVEIRA, João Henrique C. *Do underground brotam flores do mal: anarquismo e contracultura na imprensa alternativa brasileira (1969-1992)*. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2007. Dissertação de Mestrado em História Social pela UFF.

## Embates historiográficos

Partindo da constatação da diversidade de expressões da imprensa *underground*, a proposta de meu trabalho foi justamente encampar uma *luta de resistência* contra tendências que, ironicamente, tornaram-se hegemônicas nesse setor da historiografia brasileira.<sup>5</sup> O objetivo foi sempre claro: dar voz a grupos pouco estudados, não importando se são grupos reduzidos ou *grupúsculos* (para usar a expressão de Félix Guattari).<sup>6</sup>

Nesse sentido, o embate se deu em três frentes:

1. *Contra (ou “a favor”, já que o objetivo é enriquecer o conhecimento sobre determinado período de nossa história) uma historiografia que admite um sentido limitado da ação política.*

Reafirmo, ao contrário, que a política se realiza em variados cantos, diluída no cotidiano, misturada à cultura, presente no dia-a-dia, estando além do ambiente institucionalizado do Estado.

2. *Contra uma historiografia das esquerdas que desconsidera o papel de outros sujeitos sócio-históricos.*

Entendo que a oposição ao regime militar teve outras nuances, que devem ser retomadas, rememoradas. E tal atitude se complementa pelo sentido amplo de atuação política que proponho. Daí que os grupos de contracultura e os anarquistas foram encarados como sujeitos ativos no cenário dos anos 60/70/80.

3. *Contra uma historiografia da imprensa alternativa que elege um número limitado de títulos como síntese do período.*

Tal atitude acaba se refletindo na própria periodização, elegendo como marcos o tempo de vida dos jornais mais emblemáticos. Por conseguinte, é sintomático que a “era de ouro” da imprensa independente coincida com o fim dos principais títulos. O argumento

<sup>5</sup> Digo “ironicamente”, pois seu conteúdo trata de experiências contra-hegemônicas. Outra ressalva, aproveitando o espaço desta nota, diz respeito aos conceitos empregados para definir o objeto de estudo. Deparei-me com vários autores que defendiam certos termos e condenavam outros ao se referirem à “imprensa alternativa”. No meu caso, uso vários qualificativos como sinônimos, pois me importei mais com os sujeitos sociais envolvidos nas publicações e não com o objeto “imprensa” em si. Daí que utilizo “alternativa”, “marginal”, “nanica”, “underground” e “independente”... Tudo se referindo ao mesmo fenômeno.

<sup>6</sup> Cf. GUATTARI, Félix. *Revolução molecular*. Pulsações políticas do desejo. 3ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

principal é o de que, reabertos os “canais democráticos” (bem relativos, por sinal), os animadores da imprensa nanica atuariam em outros espaços institucionalizados. Mas será que todos estavam na mesma sintonia? O que falar dos anarquistas, por exemplo, que se mantiveram críticos ao processo de “abertura” e continuaram a publicar seus periódicos?

### **Participação anarquista nos movimentos sociais pós-Segunda Guerra**

O anarquismo se apresentou *aos e nos* movimentos dos anos 60 como elemento de influência, infiltrando-se em discursos heterogêneos. Essa participação difusa foi maior do que como movimento orgânico, composto por bases relativamente numerosas e ideologicamente coesas. Seguindo esse raciocínio, Foot Hardman procurou demarcar bem as diferenças entre aquele anarquismo *histórico* (umbilicalmente ligado ao universo operário) e as propostas “anarquizantes” retomadas nos anos 60 do século passado:

[...] houve uma ruptura entre o movimento anarquista mundial que interveio na luta de classes até a guerra civil espanhola, início da II Guerra Mundial, e, posteriormente, as gerações que reapareceram já nos anos 60, retomando propostas “anarquizantes”, estando filiadas, contudo, não mais ao movimento operário e sim a movimentos radicais da pequena burguesia nas Universidades, nos meios artísticos, nas manifestações da juventude na Europa e nos EUA, marcadas pelos signos de maio de 68 e Woodstock.<sup>7</sup>

Aquela antiga base social fora solapada por diversos flancos. No campo das esquerdas, a consolidação de estados de inspiração marxista-leninista gerou duas forças de desagregação: primeiro, com a migração de alguns militantes para partidos “comunistas” após a Revolução Russa; segundo, com a perseguição exercida por aqueles mesmos estados “socialistas”, ávidos em eliminar seus opositores. No campo das direitas, os regimes fascistas ou liberais caçaram anarquistas (e radicais em geral) de modo impiedoso.

---

<sup>7</sup> HARDMAN, Francisco Foot. *Nem pátria, nem patrão!* Vida operária e cultura anarquista no Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1983, p.76.

Mas, nos anos 40 e 50, o ideário anárquico seria retomado por uma juventude que começava a observar as falhas e falácias dos dois sistemas dominantes da Guerra Fria (capitalismo e “comunismo”). Paradoxalmente, nos países onde a tradição havia sido mais forte – como na Rússia e na Espanha – os anarquistas vergaram sob a pressão de regimes totalitários que se estabeleceram (boa parte da resistência passou a ser feita do exílio, como no caso espanhol). Contudo, nos países mais liberais, como a Inglaterra e os EUA, o anarquismo “mostrou maior vitalidade no sentido de interpretar a tradição de novas maneiras”.<sup>8</sup> E com a chegada dos anos 60 e 70, um fenômeno social amplo e heterogêneo vai colocar mais lenha na crítica aos sistemas autoritários. Um movimento que, genericamente, recebera o nome de *contracultura*.

Alguns teóricos entendem a “contracultura” como uma cultura minoritária, ou como “um conjunto de valores que contradizem os da sociedade dominante”.<sup>9</sup> A partir daí, coexistem duas tendências. A primeira utiliza o conceito acima de fronteiras históricas, generalizando seu significado a outros períodos e movimentos sociais. Uma segunda alternativa (que prefiro utilizar aqui) é tratar a contracultura como um fenômeno historicamente circunscrito, ainda que ela possa tomar como referência movimentos distanciados até por milênios. Interessa, sobretudo, o conceito contemporâneo de *contracultura*, criado na imprensa para fazer referência “aos valores e comportamentos da mais jovem geração norte-americana dos anos 60, que se revoltava contra as instituições culturais dominantes de seus pais (...)”.<sup>10</sup>

Outros autores, entretanto, defendem que grupos fora dos EUA teriam antecipado o que mais tarde viria a se tornar conhecido mundialmente por força da indústria cultural estadunidense. Um exemplo seria o *Provos* (termo derivado de “provocação”), que se formou na primeira metade dos anos 60, em Amsterdã, Holanda. Para Matteo Guarnaccia, pesquisador desse movimento, o *Provos* antecipou uma série de questões e atitudes que ganhariam o *status* de “contracultura” anos mais tarde. E um detalhe reforça a tese de que havia relações entre os jovens dos anos 60 e o ideário ácrata: os integrantes do

---

<sup>8</sup> WOODCOCK, George. *Anarquismo: uma história das idéias e movimentos libertários*. 2 vols. Porto Alegre: L&PM, 2002, Vol.2., p.302.

<sup>9</sup> OUTHWAITE, William (et.alli). *Dicionário do pensamento social do século XX*. Rio de Janeiro: Zahar, 1996, p.134.

<sup>10</sup> *Ibid.*, p.134.

*Provos* se assumiam como anarquistas e fundamentavam suas inserções políticas nos preceitos da ação direta.<sup>11</sup>

### **Sob a sombra da ditadura: imprensa alternativa e contracultura no Brasil**

Rivaldo Chinem conta que entre “1964 e 1980 nasceram e morreram cerca de trezentos periódicos que se caracterizavam pela oposição intransigente ao regime militar”.<sup>12</sup> Desse amplo e heterogêneo conjunto, escolhemos sete jornais para perceber as relações entre contracultura e anarquismo no Brasil: *O Pasquim* (interessando, em particular, a coluna *Underground*, assinada por Luiz Carlos Maciel), *Tribo*, *Soma*, *O Inimigo do Rei*, *Barbárie*, *Autogestão* e *Utopia*. Todos lançados entre as décadas de 60 e 90, com uma área de concentração maior entre os anos 70 e 80.

Segundo a classificação proposta por Leila Miccolis,<sup>13</sup> os primeiros três títulos da lista acima (*O Pasquim/Underground*, *Tribo* e *Soma*) identificar-se-iam mais com o que poderíamos chamar de “imaginário contracultural”. Os quatro últimos (*O Inimigo do Rei*, *Barbárie*, *Autogestão* e *Utopia*), embora aludem por vezes à temática da contracultura, investiriam mais no resgate/reafirmção dos princípios ácratas, *ressignificados* no contexto pós-68.

Após a análise da coluna *Underground*, fica a impressão de que as referências de seu editor, Luiz Carlos Maciel, estavam mais voltadas para a contracultura norte-americana. Não há diálogo direto com o anarquismo. Quando citado, vem das declarações de alguns grupos da contracultura, como o *Living Theatre*, um grupo de teatro independente que vivia uma experiência comunitária e tinha o anarquismo como influência teórica. Há mais referências a um discurso essencialmente psicanalítico, com destaque para Norman O’Brown (são inúmeras as vezes que Maciel discute ou apresenta textos desse autor). Por outras, são os aspectos religiosos/espirituais que são valorizados, como o zen budismo

---

<sup>11</sup> Cf. GUARNACCIA, Matteo. *Provos*. Amsterdam e o nascimento da contracultura. São Paulo: Conrad, 2001.

<sup>12</sup> CHINEM, Rivaldo. *Imprensa alternativa: jornalismo de oposição e inovação*. São Paulo: Ática, 1995, p.7.

<sup>13</sup> Cf. MICCOLIS, Leila (org.). *Catálogo de imprensa alternativa*. Rio de Janeiro: Centro de imprensa alternativa e cultura popular/Rio Arte, 1986.

pregado por Alan Watts. Quando fala de Brasil, faz muitas referências ao grupo de artistas marginais representado por Waly Salomão, Hélio Oiticica, ou os mais conhecidos Caetano Veloso e Gilberto Gil.

*Tribo* e *Soma* eram editados em menor escala, não tendo a visibilidade de *O Pasquim*. Mas, assim como *Underground*, também investiam na temática da contracultura: experimentalismo visual, busca de novas linguagens, diálogo com manifestações da indústria cultural (história em quadrinhos, *rock'n'roll*, cinema...), culto da estética psicodélica, entre outros tópicos. Mas esses dois jornais trouxeram discursos mais próximos de um imaginário radical que não negava as referências anteriores, como militância social, luta de classes e revolução. Assim, *Tribo* e *Soma* conseguiam estabelecer pontes com um ideário mais plenamente revolucionário, sem abandonar os *revolucionamentos* estéticos, espirituais, comportamentais.

Nessa linha, *Tribo* (um jornal de vida curta, com três números publicados em 1972) trazia críticas aos problemas sociais em Brasília – cidade onde o tablóide surgiu, no meio estudantil – e fazia referências indiretas (lembramos dos tempos de ditadura) às prisões injustas. Neste último caso citava a desobediência civil de Henry David Thoreau (1817-1862), descrito como “um dos primeiros anarquistas americanos”.

Já *Soma* reproduzia numa linguagem cifrada, em seu terceiro número, notícias de jornal sobre a ditadura getulista do Estado Novo (1937-45). Para os mais atentos, fica claro que a alusão a uma ditadura passada era uma forma de crítica camuflada contra a ditadura de seu próprio tempo – mais ou menos entre 1973 e 1974, já que a datação do jornal não aparece na capa do número analisado. A não-periodização – representando o *não-tempo* daquelas *não-notícias* – expõe todo o experimentalismo da publicação. Seus editores, que se consideravam uma corrente de ruptura artística dentro do campo das artes-plásticas e da poesia, reivindicavam o fim da separação entre arte e política, demonstrando o desejo de engajamento. Nesse sentido, citavam Stirner e Bakunin, e falavam do individualismo anarquista como uma opção ética, dando apoio às comunidades rurais livres. O posicionamento era francamente libertário, buscando se afastar tanto do capitalismo quanto do socialismo de Estado:



Eis aí a grande diferença da ditadura do proletariado, hoje ditadura “sobre” o proletariado, que absorve o indivíduo de tal maneira na coletividade, massacrando-o, despersonalizando-o; enquanto que o modo de produção capitalista aliena o homem, obrigando-o a se tornar um egoísta sensual e insatisfeito através da sociedade de consumo.

O Estado é uma instituição histórica transitória, uma forma patogênica-social, a alienação fundamental.<sup>14</sup>

### **Anarquismo nos tempos de ditadura**

Quando morre o militante e intelectual anarquista José Oiticica, em 1957, um dos elos geracionais do anarquismo brasileiro se rompe. Oiticica viveu o período em que o anarquismo obteve mais notoriedade entre as esquerdas. Participou da insurreição de novembro de 1918, quando um pequeno grupo pensou ser possível instituir um *soviete* no Rio de Janeiro, ou seja, um conselho de trabalhadores nos moldes da Revolução Russa.<sup>15</sup>

Os libertários mais próximos de Oiticica seguiram em frente com suas atividades culturais e publicações. Outros ativistas prestaram uma homenagem ao criar o Centro de Estudos Professor José Oiticica (CEPJO), em 1958. O Centro realizava palestras, cursos e conferências sobre os mais diversos temas, tais como psicanálise, literatura, medicina, maçonaria e, obviamente, socialismo libertário. Em 1969 (em pleno regime militar) o Centro foi invadido por agentes da Aeronáutica, teve objetos destruídos, livros apreendidos e documentos rasgados. Alguns diretores do CEPJO haviam sido presos no Quartel da Aeronáutica, na Ilha do Governador. Outros detidos foram os estudantes ligados ao Movimento Estudantil Libertário (MEL), acusados de associação ao CEPJO e de distribuir “material subversivo”.

---

<sup>14</sup> “An Arkhe”. *Soma*, s/loc, nº3, 1974 (?), p.3.

<sup>15</sup> Cf. ADDOR, Carlos Augusto. *A insurreição anarquista no Rio de Janeiro*. 2. ed. Rio de Janeiro: Achiamé, 2002.

No inquérito policial (reproduzido por Edgar Rodrigues)<sup>16</sup> consta que os militantes – 16 ao todo – foram detidos com base na famigerada “Lei de Segurança Nacional”, acusados de difusão de “idéias incompatíveis com a Constituição Brasileira”, “manutenção de atividades perigosas”, “ofensa moral à autoridade” e “incitamento público à desobediência”. No julgamento, a defesa alegou, com base nos estatutos do CEPJO, que a doutrina anarquista não havia sido divulgada no local (uma mentira providencial, obviamente) e que não havia provas suficientes para caracterizar uma “ação subversiva”. Felizmente, todos foram absolvidos.

Outro local que manteve acesa a chama do anarquismo no Brasil foi o Centro de Cultura Social (CCS) de São Paulo. Fundado em 14 de Janeiro de 1933, ele foi resultante de uma tradição anarquista que remonta aos inícios do século XX. Nesse sentido, os CCS serviam de espaço de convivência e de reforço dos laços identitários. Neles se realizavam diversas atividades, como palestras, encenações teatrais, apresentações musicais, bailes etc. O golpe de 1964 e a ditadura que se estabeleceu provocaram receio nos militantes que restaram. Não era recomendável atuar abertamente. Assim, o CCS de São Paulo resolveu dar um tempo em suas atividades (e o exemplo da repressão ao CEPJO, no Rio, reforçava o temor dos militantes paulistas). Reuniões, debates e correspondências passam a ocorrer de modo clandestino.

### **Inimigo do rei... amigo da anarquia**

No final dos anos 70, com a relativa abertura do regime, novos grupos anarquistas foram surgindo. No ano de 1977, por exemplo, começa a ser publicado, em Salvador (BA), o periódico *O Inimigo do Rei (IR)*. Um jornal simultaneamente militante e bem humorado, engajado e desbocado, que exalava um inconfundível perfume contracultural, trazendo em suas páginas desde textos falando sobre os mártires de Chicago até matérias sobre sexualidade e maconha.

---

<sup>16</sup> Cf. RODRIGUES Edgar. *O anarquismo no banco dos réus*. (1969-1972). Rio de Janeiro: VJR Editores, 1993.

A experiência editorial do *Inimigo* surpreendeu pela longevidade: de 1977 a 1988, com alguns hiatos. Depois dos primeiros números, a Bahia ficou pequena: colaboradores do Rio, São Paulo, Porto Alegre e outros lugares participavam com textos e notícias que tornavam realidade a presença do anarquismo no país. Os ataques do *IR*, desde seu número de estréia, demonstravam a opção bem típica do anarquismo e de correntes de contracultura: o não alinhamento em relação tanto aos governos de direita quanto aos partidos de esquerda. Esse *terceiro caminho* permitia ao *IR* uma postura crítica diante do processo de “redemocratização”, vista pelos editores e colaboradores como um projeto das elites, um mero rearranjo de poder que não beneficiaria a população em geral.

Como em *IR*, a revista *Barbárie* (Salvador, 1979-82) trazia um leque muito semelhante de temas: anarquismo, autogestão, movimento operário, minorias sociais (indígenas, homossexuais, negros, mulheres...), pedagogia libertária e espaço para correntes filosóficas contemporâneas que vinham rediscutindo o papel do poder, do Estado e das instituições (Foucault, Deleuze, Chomsky, Guattari...).

*IR* e *Barbárie* representavam grupos sociais bem semelhantes. E naquele contexto de “abertura” e “anistia” – momento em que os “grandes nânicos” (notadamente *Em Tempo* e *Movimento*) se celebrizaram pela defesa das “instituições democráticas”, pelo Partido dos Trabalhadores (PT) e pelo retorno dos exilados políticos – esses coletivos voltavam sua carga discursiva contra muitas daquelas bandeiras, tendo como base as idéias clássicas do anarquismo (principalmente a profunda desconfiança diante da democracia parlamentar burguesa). Nesse ponto, *IR* e *Barbárie* se equivaliam na ácida crítica ao regime que supostamente se amansava.

Atualmente, esse próprio regime que torturou e esmagou a maioria do povo brasileiro fala, como se nada tivesse acontecido, em “abertura democrática” e até mesmo em “anistia”.<sup>17</sup>

---

<sup>17</sup> “Quem tem medo?”. *Barbárie*. Salvador, nº1, jul. 1979, p.3.

Já o número 3 de *Autogestão* (São Paulo, junho de 1980) – o único no acervo de imprensa alternativa do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro – mostra-se, de todos os periódicos anarquistas analisados, o mais simples em termos gráficos. Um formato de revista, 46 páginas datilografadas e fotocopiadas com raríssimas ilustrações. A proposta da publicação pode ser avaliada pelas chamadas de capa, fazendo referência, sobretudo, a discussões teóricas. Há traduções de textos de autores como Richard Gombin (“A Teoria do Comunismo de Conselhos), Henry Lefevre (“Felicidade e Cotidianeidade”) e Carlos Semprun Maura (“Sonhos e Mentiras da Autogestão”). Intelectuais brasileiros como Maurício Tragtenberg também colaboram nesse número. A escolha dos textos revela uma posição aberta da publicação, permitindo espaço a temáticas e autores libertários, mas não necessariamente anarquistas.

## Utopia

Essa imprensa alternativa anarquista, tendo como marco a publicação de *O Inimigo do Rei*, continuou sua atividade, mesmo após a “morte” do jornal baiano. O coletivo que publicou *Utopia* (1988-92), de certa forma, era a continuação dessa mesma linhagem, reunindo elementos de diferentes gerações. Faziam parte dele, por exemplo, Ideal Peres e sua esposa Ester Redes, além de antigos militantes envolvidos no episódio de repressão ao CEPJO, em 1969. Outro militante das antigas era Jaime Cubero, com toda uma vida divulgando as idéias anarquistas no país. A estes se juntam elementos de uma nova geração, como Pedro Simonard, Renato Ramos, Pedro Kroupa, Paulo Alcântara e outros. O elo entre gerações, já observado em publicações como *IR* e *Barbárie*, se repetia no grupo carioca.<sup>18</sup>

Dos quatro títulos anarquistas pesquisados, *Utopia* é o que apresenta a diagramação mais leve e equilibrada, com boas escolhas de ilustrações. Em relação à temática, tinha muito em comum com os outros jornais. Contudo, há uma característica que se sobressai: o investimento no tema da *ecologia social*. Logo no primeiro número era

---

<sup>18</sup> Antes da publicação de *Utopia*, já vinham sendo realizadas reuniões no chamado Centro de Estudos Libertários (CEL), organizado em torno da figura de Ideal Peres. Além disso, outros coletivos já se formavam na cidade em meados dos anos 80, como o Grupo Anarquista José Oiticica (GAJO).

publicado um artigo traduzido de Murray Bookchin (“Ecologia e pensamento revolucionário”, pp.6-7), anarquista estadunidense que foi um dos responsáveis pela aproximação entre anarquismo e ecologia no fim dos anos 60. Ele voltaria à revista com outro texto no número 4 (verão-outono de 1991).<sup>19</sup>

Em 1992, a revista pára de sair. Mas o encerramento foi relativo apenas à publicação, pois os militantes continuavam a se reunir no Centro de Estudos Libertários (CEL). Outros títulos também surgiram, como o jornal *Mutirão*, lançado a partir de março de 1991, tendo como bandeira o engajamento nas lutas camponesas e dos sem-teto. Também surgia em 1991 o informativo do CEL: *Libera...Amore Mio* (depois, somente *Libera*). O jornal tornar-se-ia uma das experiências mais duradouras da imprensa libertária, tendo completado 18 anos no ano de 2008, agora como informativo da Federação Anarquista do Rio de Janeiro (FARJ).

## **Conclusões**

A historiografia da imprensa alternativa brasileira costuma estabelecer uma periodização que se baseia na própria existência dos jornais que lhe servem de parâmetro analítico. Dessa forma, costuma-se eleger uma “fase áurea” que coincidiria com a publicação dos *grandes nanicos*. A abertura dos canais democráticos (leia-se: canais institucionais) teria provocado, segundo autores como Kucinski<sup>20</sup>, a desmobilização daqueles militantes/jornalistas ligados a organizações de esquerda tradicionais. Muitos destes puderam se inserir em organizações como o recém-fundado PT (ou outras agremiações partidárias) e, de certa forma, interromper a produção de uma mídia de resistência.

Esse arrefecimento do impulso alternativo foi em parte verdadeiro. Portanto, ele não pode ser generalizado para outros grupos que continuaram a produzir seus jornais e

---

<sup>19</sup> À *ecologia social* interessaria o estudo das interações entre a sociedade e a natureza. É uma das correntes mais influentes do chamado “eco-anarquismo” e deve muito de seus postulados aos trabalhos de Murray Bookchin (1921-2006). Ao lado de questões especificamente ambientais, a *ecologia social* busca compreender as crises ecológicas como subprodutos do modo de produção capitalista. Para mais informações cf. BOOKCHIN, Murray. *Sociobiologia ou Ecologia Social?* Rio de Janeiro: Achiamé, s/d.

<sup>20</sup> Cf. KUCINSKI, Bernardo. *Jornalistas e revolucionários. Nos tempos da imprensa alternativa*. São Paulo: Ed. Página Aberta, 1991.

panfletos, mantendo muito daquele ímpeto autogestionário que marca as experiências independentes. Por isso que não há como ignorar, por exemplo, a produção de *fanzines* pelos movimentos *punks* e *anarcopunks* ao longo dos anos 80 e 90.<sup>21</sup> Da mesma forma, como não registrar a experiência de alternativos de fôlego como *O Inimigo do Rei*?

É óbvio que o “surto alternativo” (como diz Kucinski) dos anos 70/80 tem características bem definidas. A ditadura não está mais aí para que se ofereça uma resistência. No entanto, há que se registrar outras motivações e respostas; outros grupos e agendas políticas. Buscar compreender como hoje se dá o fenômeno das mídias alternativas, incluindo aí a questão dos meios digitais. E também responder como, nesses novos tempos virtuais, tenhamos ainda publicações independentes impressas com quase 20 anos de estrada (como é o caso do jornal *Libera*, do Rio de Janeiro).

Muitas perguntas... vários caminhos abertos. Temas para pesquisar não faltam.

## **Sugestões bibliográficas**

---

<sup>21</sup> Cf. OLIVEIRA, Antônio Carlos de. *Os fanzines contam uma história sobre punks*. Rio de Janeiro: Achiamé, 2006.

- ADDOR**, Carlos Augusto. *A insurreição anarquista no Rio de Janeiro*. 2. ed. Rio de Janeiro: Achiamé, 2002.
- CHINEM**, Rivaldo. *Imprensa alternativa: jornalismo de oposição e inovação*. São Paulo: Ática, 1995.
- GUARNACCIA**, Matteo. *Provos*. Amsterdam e o nascimento da contracultura. São Paulo: Conrad, 2001.
- GUATTARI**, Félix. *Revolução molecular*. Pulsações políticas do desejo. 3ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- HARDMAN**, Francisco Foot. *Nem pátria, nem patrão! Vida operária e cultura anarquista no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- KUCINSKI**, Bernardo. *Jornalistas e revolucionários*. Nos tempos da imprensa alternativa. São Paulo: Ed. Página Aberta, 1991.
- MICCOLIS**, Leila (org.). *Catálogo de imprensa alternativa*. Rio de Janeiro: Centro de imprensa alternativa e cultura popular/Rio Arte, 1986.
- OLIVEIRA**, Antônio Carlos de. *Os fanzines contam uma história sobre punks*. Rio de Janeiro: Achiamé, 2006.
- OUTHWAITE**, William (et.alli). *Dicionário do pensamento social do século XX*. Rio de Janeiro: Zahar, 1996.
- PAGANOTTO**, Waldir. *Imprensa alternativa e anarquismo: “O Inimigo do Rei” (1977-1988)*. Dissertação (Mestrado em História). Assis: Unesp, 1997.
- PINTO**, Leonardo Carvalho. “O Inimigo do Rei: um jornal anarquista”. IN: DEMINICIS, Rafael B.; REIS FILHO, Daniel A. (orgs.). *História do Anarquismo no Brasil*. V.1. Niterói: EdUFF: Rio de Janeiro: Mauad, 2006, pp.133-45.
- RODRIGUES** Edgar. *O anarquismo no banco dos réus*. (1969-1972). Rio de Janeiro: VJR Editores, 1993.
- WOODCOCK**, George. *Anarquismo: uma história das idéias e movimentos libertários*. 2 vols. Porto Alegre: L&PM, 2002.